

Ricardo Lopes



Professor e projetista, o lighting designer que faz luz com música e amor

Entrevista concedida a Maria Clara de Maio

Como você começou a trabalhar com iluminação?

Aos 15 anos de idade, iniciei como mensageiro na Philips do Brasil, filial Rio de Janeiro. Dentro da Philips, passei por diversos departamentos e acabei no de iluminação. Em 1992, já na filial São Paulo, saí da empresa e montei a Equipe Soluz Representações que, naquele ano, já realizou o projeto dos supercamarotes para o carnaval na Marquês de Sapucaí e representou a Osram no mercado do Rio de Janeiro por sete anos. Depois montei a atual Ricmon Iluminação – projetos de iluminação e design de interiores – e ingressei na Universidade Estácio de Sá.

Você coordenou, por muitos anos, e ainda coordena uma pós-graduação de iluminação na Universidade Estácio de Sá. Quanto é importante dedicar-se a formação de novos profissionais? Há muita procura pelo curso?

A primeira turma, no ano de 2001, estava com 62 alunos, sendo 90% deles arquitetos. Eu construí a pós para engenheiros por acreditar que só eles se interessavam pelo assunto. Lógico que tive que remodelar para os arquitetos. Passados todos estes anos, vi meu curso e ideia serem copiados. Isto só me deu orgulho, pois me deram a certeza de que estou no caminho certo. O curso ainda tem boa procura, pois nós, da Estácio de Sá, temos o hábito de atualizar sempre – docentes e conteúdo. O curso começou como “Tecnologia e projetos de iluminação”, virou “Projetos de iluminação”, e atualmente é “Iluminação: arte e tecnologia”. Repare que hoje o nome do curso “Projetos de Iluminação” está com o Senac São Paulo; bacana isto.

Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?

A melhor possível. Estudar e aprender a pesquisar são um dos pilares desta formação. Já foi o tempo que era preciso ser só objetivo – tem que ser subjetivo também. Pode ser um arquiteto, cenógrafo, engenheiro, cineasta, fotógrafo, dono de revenda de iluminação... Todos devem ter na mente que o mais importante não é a grana que se ganha e sim os aplausos; o brilho dos olhos do usuário final. Para isso, é necessário fazer o projeto com música e com amor. Se não rolar música e amor entre as partes, melhor não fazer.

Há alguns anos você e mais um grupo de profissionais da área esboçaram a SBI (Sociedade Brasileira de Iluminação). Por que a entidade não foi para frente?

Esboço, é o que foi a SBI. Bem colocada a palavra esboço. A SBI tinha o objetivo de acertar a área de iluminação pela base.

Treinar eletricitistas, vendedores, técnicos e curiosos para atuar em iluminação. É muito triste ver ainda o mercado com adaptadores de soluções. O grupo de docentes e de alunos foi até a fundação, mas quando chegou na hora da grana para manter a instituição, tudo ficou no esboço. O nome SBI continua com os fundadores.

Como vai o mercado de iluminação no Brasil, sob o ponto de vista dos produtos aqui fabricados e da oferta de trabalho para os projetistas?

Bem melhor do que no passado. Como comentei, o Brasil era um, antes da abertura das importações. O Brasil abriu-se às inovações. Sem este incentivo, acho que estaríamos ainda na época das fluorescentes e talvez chegando à indução. Hoje, pulamos praticamente a indução empregando os LEDs. Ainda tenho a esperança que as fábricas tenham cada uma seus testes de IP (índice de proteção), vento, resistência mecânica e rendimento da luminária. Claro, não podemos esquecer o levantamento da curva fotométrica, para que nós, amantes da profissão, possamos cada vez mais criar projetos com música e amor.

Em fevereiro deste ano, sua participação no programa Mais Você, da Rede Globo, dando uma aula sobre iluminação, lâmpadas e eficiência global, teve que tipo de repercussão?

Continuo recebendo inúmeros contatos oriundos desta entrevista, na qual contribuo como parceiro no âmbito educacional e consultoria de iluminação. Cada vez mais, o telespectador que teve acesso à matéria aprende sobre iluminação, e mais fácil fica o diálogo sobre o tema. ◀